



USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: G1

Data: 13/02/2015

Caderno/Link: <http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2015/02/contra-trote-e-opressao-grupo-cria-espaco-de-discussao-lgbt-na-usp.html>

Assunto: Contra trote e opressão, grupo cria espaço de discussão LGBT na USP

Contra trote e opressão, grupo cria espaço de discussão LGBT na USP

Proposta do grupo é atuar contra a opressão no campus da USP em Piracicaba

O estudante Guilherme Hórak, do 5º ano de engenharia agrônoma da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (**Esalq**), campus da USP em Piracicaba (SP), disse que o começo do curso não foi nada fácil para ele. Além de trotes violentos, aqui tem muitos trotes homofóbicos e o constrangimento é grande. Para evitar esse e outros tipos de opressão, ele se juntou a vários amigos e criou o Coletivo Integra **Esalq**, que tem o objetivo de debater questões como o preconceito contra Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis (LGBT) e encontrar alternativas para a boa convivência no campus.

Grupo acolhe calouros e propõe reflexões na USP

Somos contra qualquer forma de opressão e o trote é uma forma de concretizar essa opressão, falou. E não só opressão contra os homossexuais, mas contra cor, raça, religião, regionalidade, ou qualquer outro tipo de discriminação, completou o amigo Fernando Hideki, aluno do 3º ano de engenharia agrônoma.

O coletivo foi criado em abril de 2014, segundo eles, após dois casos de homofobia com alunos da instituição. A gente quer dar respaldo para os alunos, porque quando eles chegam sem conhecer nada, a primeira abordagem que os moradores de república fazem é uma conversa muito sedutora que acaba convencendo. E depois começa a opressão, falou Hórak.

Uma vez, eu estava na sala de aula, e o próprio professor fez uma brincadeira homofóbica. O constrangimento foi tão grande, que eu não conseguia mais prestar atenção no conteúdo, foi horrível. E isso é mais comum do que a gente imagina aqui, porque a **Esalq** é muito tradicional, afirmou o aluno.

Segundo ele, são várias as manifestações preconceituosas vistas dentro do campus. Até os professores, que são os principais responsáveis pela formação dos alunos, muitas vezes incitam a violência no campus, com comentários maldosos ou piadas preconceituosas, disse Hórak.

A opinião é compartilhada pelo estudante do 3º ano de engenharia agrônoma Guilherme Coelho. Ser homossexual dentro da **Esalq** por si só já é um problema. A faculdade é muito tradicional. Teve casos até de estudantes que já foram expulsos de repúblicas por serem homossexuais, relatou.

O aluno precisa saber que ele não vai ficar sem amigos ou sem emprego se disser não ao trote." Guilherme Horák

Então, a gente resolveu dar um basta e criou o coletivo, falou Horák. Para eles, um marco do movimento foi a festa LGBT realizada no Centro Acadêmico Luiz de Queiroz (Calq), em setembro do ano passado. Foi a primeira festa do tipo dentro da **Esalq**, isso em 113 anos de universidade, destacou Hideki. E nós tivemos receio de que a festa estivesse vazia, mas foram 300 pessoas, não só da **Esalq**. Ficamos muito felizes, comemorou Horák.

A festa foi só um dos passos para dar força ao coletivo, que atualmente mantém uma boa relação com todos os centros acadêmicos da **Esalq**. A gente percebe que tem tido mais respeito, mais abertura, mais clareza, mais confiança, disse Horák.

O coletivo já planeja outra festa para março deste ano. E promete realizar muitos debates sobre o assunto e acolhidas amistosas para que os alunos tenham a quem recorrer. O aluno precisa saber que ele não vai ficar sem amigo ou sem emprego se disser não ao trote, que é o que os trotistas pregam, ressaltou Horák. Mas a gente sabe que o caminho a ser percorrido ainda é grande, finalizou.

Estudantes fizeram a primeira festa LGBT da **Esalq/USP**

Início das aulas

O início das aulas na **Esalq** será no dia 23 deste mês. A instituição informou que durante a primeira semana contará também a presença de promotores de Justiça no campus. A ação é fruto de um termo de conduta assinado nesta semana com o Ministério Público (MP-SP) para coibir e investigar os trotes. As atividades contarão também com entrega de donativos, mesa redonda sobre diversidade e intolerância, clínicas esportivas, oficinas sobre meio ambiente e apresentações sobre permanência, moradia e assistência médica, entre outros.

Veteranos recebem calouros no campus da USP em Piracicaba

CPI dos Trotes

Desde dezembro, estudantes estão sendo chamados para depor em uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) na Assembleia Legislativa de São Paulo, que apura a violação dos direitos humanos em trotes de universidades brasileiras.

De acordo com os depoimentos, agressões, chibatadas, cuspe na cara, envenenamento e até ações de tortura fazem parte do ritual de entrada para os 'bichos', forma como os novatos são chamados. Durante os depoimentos à CPI, o estudante Felipe José Yarid afirmou que foi envenenado com um líquido agrícola que, jogado em seu corpo, tirou os movimentos e degradou a pele. Ele não conseguiu ir à faculdade por conta do efeito do veneno e trancou a matrícula durante um ano.

Estudantes relataram em CPI abusos e torturas nos trotes da **Esalq**

O exame toxicológico apontou veneno no meu corpo. Eu não tinha movimento nenhum, não conseguia me mexer. Fui prejudicado, não conseguia fazer provas, não conseguia ir às aulas. Além disso, eu ainda fui suspenso por uma semana depois que tentei denunciar o caso para a diretoria da universidade", afirmou Yarid durante o depoimento.

Ritual de entrada

O ritual de entrada para os alunos no campus da USP em Piracicaba (SP) também conta com abusos, agressões que resultaram em fraturas e comida estragada. Em um depoimento prestado em sigilo aos deputados, uma aluna afirmou que quase foi abusada sexualmente em um dos trotes e que já ouviu muitos casos semelhantes ao dela na universidade.

"Eu escapei por pouco, mas sei que eles dopam as pessoas e abusam sexualmente delas em repúblicas. Eu também já vi muita gente ser agredida e quebrar braços e pernas", disse.